

Masculinidade hegemônica na adolescência: Reflexões a partir da série Euphoria

Bruno Hoffmann¹, David Laurent da Silva², Luiza Rodrigues Melo³ e Marina de Carvalho Gama⁴

¹⁻⁴ Graduandos de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O presente trabalho propõe refletir sobre os impactos da masculinidade hegemônica na adolescência a partir da análise da série Euphoria. Através da observação sistemática direta e não-participante de cenas selecionadas da série, buscou-se analisar as implicações da heteronormatividade e do sexismo, além de compreender a influência da figura paterna na corroboração de práticas características da masculinidade hegemônica e o impacto que estes fatores possuem na vida de adolescentes do gênero masculino. Observou-se que há uma hierarquia de subordinações desde o nascimento na sociedade patriarcal, embora a subordinação do homem seja apenas temporária. Soma-se a isso a influência paterna no adolescente sobre a externalização de alguns sentimentos, por meio da violência física, e a internalização de outros em busca de um ideal de masculinidade, ou seja, há uma carência de uma paternidade positiva. Em meio a isso, vale ressaltar a construção social da masculinidade hegemônica como carregada de valores de subordinação e depreciação da mulher, resultando em atitudes sexistas e misóginas por parte dos homens. Ademais, outro ponto importante para o trabalho foi a heteronormatividade como uma expectativa de conduta nas relações sociais.

A análise da personagem e seus comportamentos na série permitiu a reflexão sobre a influência da figura paterna e da imposição da masculinidade hegemônica na manutenção de um pensamento violento, sexista, patriarcal, LGBTQIA+fóbico e negligente para com a saúde emocional do homem, tão vigente na sociedade. Assim, o presente trabalho se faz importante por denunciar a violência contra mulheres e pessoas da população LGBTQIA+ como um produto da masculinidade hegemônica, além do sofrimento psíquico do próprio homem. Notou-se que há uma carência de artigos que busquem analisar a relação da paternidade com o conceito de masculinidade hegemônica.

Palavras-chave: masculinidade hegemônica; adolescência; paternidade; heteronormatividade; sexismo

Introdução

O conceito de *Self-Made Man*¹ surgiu na primeira metade do século XIX nos Estados Unidos como forma de estabelecer um tipo ideal e universal de masculinidade a ser seguida, para que os homens da época em questão pudessem afirmar-se como tal. Dentre tantas construções de masculinidade, está firmou-se como hegemônica e, dicotomicamente, coexiste com a subalternidade de outros constructos de formas de essencializar a definição do que é ser um homem. Dessa forma, esta masculinidade aceita e imposta até os dias atuais é caracterizada por ser heteronormativa, isenta de qualquer traço de feminilidade e formada por uma imagem constante de força, coragem e independência - afetiva, social e econômica, para que assim, desempenhando estas funções de forma completa e satisfatória, o indivíduo possa ser admirado e bem-sucedido e, por conseguinte, ser um “homem de verdade” (Badinter, 1992).

Os estudos sobre as masculinidades, em meio a isso, concordam quanto ao papel da cultura na construção do homem, mas divergem-se quanto à definição do que seja masculinidade. Nesse sentido, o positivismo, por exemplo, entende masculinidade como: aquilo que os homens realmente são, no entanto, tal definição desconsidera aqueles que realizam atividades culturalmente atribuídas ao gênero masculino ou feminino, os quais são termos que vão para além da diferenciação sexual e abarcam também as variedades existentes dentro do grupo de homens e do grupo das mulheres. Ao reconhecer essas diferenças, as definições normativas propuseram que masculinidade fosse entendida como: aquilo que os homens deveriam ser, de modo que a masculinidade seria um conjunto de regras sociais, as quais os homens deveriam seguir (Connell, 1997). Essa forma de entender a masculinidade está estreitamente relacionada com as teorias sobre os papéis sexuais, por exemplo, no uso da cor azul pela nossa cultura (Brannon & David, 1976). Por fim, também há de se considerar a visão semiótica, sobre a qual a masculinidade se define por uma relação simbólica que diferencia o masculino do feminino, de modo que a masculinidade, um lugar simbólico de autoridade, pode ser compreendida como o não-feminino, visto que o feminino representa o lugar simbólico da carência. Assim, ao se pensar nos conceitos como um todo, pode-se dizer que a masculinidade configura-se como práticas, e seus efeitos no corpo, na cultura e na personalidade, de homens e mulheres que correspondem às posições de gênero (Connell, 1997).

Desse modo, apesar de suas divergências culturais e identitárias, evidencia-se a masculinidade como um constructo social, a qual atravessa os indivíduos desde os primeiros anos de vida. Entretanto, é na fase da adolescência que a subjetividade do indivíduo começa a ser formada de maneira ativa e consciente através da busca pela identidade. Esta é um dos fatores centrais no desenvolvimento psicossocial da adolescência, a qual é constituída por metas, valores e crenças com as quais o indivíduo está solidamente comprometido (Papalia &

Feldman, 2013). Por conseguinte, a masculinidade hegemônica torna-se uma força central nefasta e limitadora nesse processo tão enriquecedor referente à subjetividade que é a construção da identidade pelo próprio adolescente, visto que o gênero, a orientação sexual e a alteridade são fatores centrais nessa exploração (Erikson, 1968).

Em decorrência disso, nesta pesquisa, pretende-se analisar a personagem Nate da série de televisão *Euphoria* no desenvolvimento de sua masculinidade e o impacto desta em suas relações. A série *Euphoria* trata-se de um programa que retrata sem censuras a realidade de adolescentes de uma escola nos Estados Unidos. Sua protagonista é Rue, uma adolescente de 17 anos que acaba de voltar da reabilitação por ter sido encontrada, tendo uma overdose, por sua irmã mais nova, Gil. Além de Rue, a série retrata a realidade de diversas personagens, em diversos contextos e como elas se desenvolvem no contexto de jovens de classe média estadunidense. A série explicita muito a relação com drogas, sexo, os relacionamentos das personagens e inclusive reserva o começo e final de cada episódio para expor a infância das personagens principais.

O personagem Nate foi escolhido para análise por ser um exemplo forte e preciso do que é a masculinidade hegemônica. Ele é um rapaz grande, forte, agressivo e possessivo, mantém um relacionamento abusivo com sua namorada Maggy e demonstra uma grande possessividade sobre ela. Vive um momento de dúvida sobre sua própria sexualidade, mas tenta esconder e repreender esta vivência, pois ele e sua família se encontram numa posição de status onde a heteronormatividade é muito forte. Ele demonstra, ao longo da série, além disso, um forte apreço pela manutenção da heteronormatividade defendida pela família. Para todas estas situações, Nate responde de forma muito agressiva, verbal e fisicamente, tentando dominar todos ao seu redor através da força. A expressão de masculinidade apresentada é socialmente transmitida. Nate tem influências e cobranças dentro da escola entre seus

colegas, e uma forte cobrança de seu pai. Como ele, seu pai é branco, publicamente heterossexual, e tem muita influência no contexto em que está inserido.

Dito isso, é de extrema importância realizar uma análise minuciosa do impacto do patriarcalismo na psique em desenvolvimento do homem juvenil, a fim de mapear os efeitos de ideias como heteronormatividade e masculinidade hegemônica, também conhecida socialmente como masculinidade tóxica. Tal necessidade se evidencia no fato de que, como aos meninos é apresentado desde cedo um modelo de masculinidade que pressupõe a bifurcação de papéis de gênero (e a consequente dominação de um sobre os outros) e austeridade, os mesmos estão sujeitos a crescer para se tornarem homens com sequelas no âmbito da intimidade e empatia, assim como traumas emocionais, os quais podem vir a tona ao se deparar com a reafirmação dessa separação de papéis em seus processos socializantes (Pollack, 1995). Nesse ínterim, o presente trabalho é de profunda relevância não somente por expor os déficits psicológicos proporcionados pela masculinidade hegemônica na subjetividade de homens (como denota o alto índice de suicídio deste grupo) e a violência que essa ideologia reflete na vivência em sociedade (como denota a alta taxa de violência contra a mulher e população LGBTQIA+), mas por viabilizar a possibilidade de um repensar acerca de que valores são de fato interessantes de serem perpetuados na educação de meninos.

Objetivo

Objetivo Geral

Realizar uma análise dos conjuntos de comportamentos de uma personagem da série de televisão da série Euphoria, buscando compreender o papel e os impactos da imposição da masculinidade hegemônica na construção da personalidade de um adolescente com

tendências à violência, assim como traçar um paralelo entre esse estudo de caso e os efeitos da masculinidade hegemônica a nível de sociedade.

Objetivos Específicos

- Compreender o impacto psicológico da heteronormatividade no desenvolvimento da personalidade.
- Apontar possíveis relações entre a disseminação da ideia vigente de masculinidade e comportamentos sociais violentos, com destaque para violência contra a população feminina e LGBTQIA+.
- Identificar e questionar discursos que promovam a manutenção do sexismo a nível de indivíduo e sociedade.
- Explicitar a influência da parentalidade na construção da masculinidade do jovem.

Revisão de Literatura

Em meio à construção da identidade, torna-se imprescindível observar que os adolescentes estão sujeitos a um projeto de gênero, o qual considera, dentre todas as variações da masculinidade, a masculinidade hegemônica - uma das práticas genéricas que, atualmente, são responsáveis pela legitimação do patriarcado e da subordinação da mulher em relação ao homem (Connell, 1997) - como padrão social. Pode-se perceber, nesse sentido, que isso se deve à vulnerabilidade desses homens ao poder disciplinar, o qual se constitui como um poder, em forma de rede, que atravessa as instituições e o Estado, de modo a atuar no corpo do homem, com instrumentos de punição e vigilância, para docilizar os sujeitos e

fazê-los obedecer às normas (Diniz & Oliveira, 2014). No entanto, quando se trata das normas impostas pela masculinidade hegemônica nota-se a imposição, principalmente, de um projeto de gênero, que define a masculinidade não só na negação da feminilidade, mas também a sua depreciação. Assim, as relações de poder, que definem o homem como um ser que domina a mulher (e acabam por incentivar a misoginia) e as relações de produção, em que o homem participa de um processo de acumulação de gênero, já que a economia capitalista somada aos projetos de gênero permite que seja majoritária a participação dos homens em grandes corporações ou gerindo grandes fortunas (Connell, 1997), são exemplos de manifestações sociais da masculinidade hegemônica, de modo a se tornar uma norma, que controla os corpos e as relações, introjetada nos indivíduos.

Ademais, a subjetividade do homem é formada a partir de sua virilidade sexual e laborativa. A primeira refere-se à exibição de uma performance de sexualidade ativa, embora também diga a respeito da penetrabilidade, a qual tira o homem de seu lugar de macho, visto que o homem é visto como o ser que penetra, tendo um papel ativo, e não como o ser penetrado, sendo atribuído à mulher o lugar da passividade. Dessa forma, há uma total desvalorização da penetralidade e do prazer anal. Já a virilidade laborativa está relacionada à associação entre produtividade, acúmulo de riqueza e masculinidade, de modo que o trabalho passou a ser visto, ao longo do tempo, tanto como uma via de sustento, como um valor moral, um modo de avaliação da dignidade do homem (Baére & Zanello, 2020). Nota-se, desse modo, que parece existir metas sociais para um homem ser reconhecido entre os seus e pela sociedade. Contudo, muitas vezes a imposição dessas normas de conduta pela sociedade através da masculinidade hegemônica não são saudáveis para os indivíduos. De acordo com o boletim informativo do Ministério da Saúde (2017), entre 2011 e 2016, a taxa de suicídio entre os homens foi quatro vezes superior à das mulheres. Soma-se a isso os dados de uma pesquisa, realizada por psicólogos da USP e da UNESP, a respeito do perfil de clientela do

programa de pronto atendimento psicológico a estudantes universitários, a qual verificou que no ano de 2001 somente 16% do estudantes que procuraram pelo serviço eram do gênero masculino (Peres, Santos, & Coelho, 2004). Percebe-se, portanto, que a masculinidade está diretamente relacionada com o sofrimento psicológico e a baixa procura por ajuda nesses casos.

Ainda no que toca a associação entre a virilidade sexual com o papel ativo no coito, é de extrema relevância apontar a importância da heteronormatividade para a masculinidade hegemônica, uma vez que, dentro dessa crença, implicitasse que o homem hétero é o responsável pela penetração. Mais do que isso, não só ele é responsável por penetrar sua companheira, para provar sua virilidade, como tem que rejeitar o ânus como zona erógena a fim de preservá-la. Essas imposições limitantes na prática sexual podem ser fonte de grande parte do sofrimento advindo da heteronormatividade, no que tange a vida privada do indivíduo, mas vale lembrar que esse sofrimento também é fruto da cobrança de reafirmação da heterossexualidade no âmbito social (Rondinelli, 2013). Isso acontece, pois a masculinidade hegemônica prega uma associação entre orientação sexual e os traços do indivíduo na forma como ele se apresenta em público, ignorando o caráter construído e imaginário da personagem social do “homem cis hétero” (Pinho & Pulcino, 2016). Tal cobrança é prematuramente vivenciada pelo adolescente no meio escolar, como comprovam os notórios casos de bullying LGBTfóbico neste ambiente.

A adolescência é uma etapa dedicada prioritariamente à construção de uma identidade pelo próprio indivíduo. O pensamento formal é uma ferramenta intelectual recém adquirida, e esta é utilizada para desenvolver expectativas, além de analisar possibilidades e pensar a longo prazo, de modo que as mudanças físicas e cognitivas intrínsecas ao período da adolescência acarreta em transformações marcantes na vida do indivíduo, produzindo dúvidas e questionamentos, os quais, segundo Erikson (1968), são essenciais para a formação da

identidade e, portanto, para o desenvolvimento. Tangente a isso, os papéis de gênero são fatores majoritariamente determinantes neste processo, de modo que atravessam o indivíduo desde a infância e na fase da adolescência isso ganha ainda mais relevância por esta ser anterior à idade adulta, quando é esperado que os jovens saibam quem são e que lugar ocupam na sociedade (Papalia & Feldman, 2013).

Sendo assim, visto que os papéis de gênero são construções sociais impostas ao indivíduo, sendo a masculinidade hegemônica o conjunto de comportamentos pré-estabelecidos aos homens, os adolescentes que se identificam com o gênero masculino são diretamente atingidos por estas imposições, sendo expostos diariamente as experiências ativas e passivas acerca do que é ser um homem admirável, seja em suas relações, na mídia, na escola, dentro de casa, etc. Somado à isso, como levantado no documentário *The Mask You Live In* (2015), de acordo com Connel, para a maioria dos meninos há uma busca constante por um homem ideal que os guie e os lidere, de modo que a falta deste os fazem criar a própria ideia do que é ser um homem, o que contribui para a efetividade da influência midiática, a qual potencializa as preocupações com os valores atribuídos a aparência ideal e comportamentos sociais e sexuais atribuídos a cada sexo (Silvia, 2000).

Ademais, somado a este fato, faz-se necessário salientar a importância da figura paterna no processo identificatório de jovens adolescentes em relação ao papel de homem que buscam compreender e exercer nessa fase do desenvolvimento, ressaltando-se a escolha do presente trabalho em discutir o tema da paternidade no contexto de uma família ocidental norte-americana, com pais casados e de classe média alta, visto que este é o contexto da personagem escolhida para o exercício de observação.

Os homens e as mulheres se inserem na vida da família a partir de modelos de gênero e aprendem ao decorrer da vida suas funções, determinadas e legitimadas socialmente. Ser homem, masculino e pai, são qualidades que definem como o sujeito vai se inserir na cultura

em que ele faz parte, definindo um padrão de comportamento e expectativas que ele deverá cumprir (Nolasco, 1993). As mulheres são agentes decisivos dentro da reprodução do modelo social estabelecido. Elas são as que mais participam da educação e transmitem as ideologias vigentes em nossa sociedade. Cai sobre elas a responsabilidade de manter a harmonia entre o casal, já que, no modelo patriarcal, ao homem é concedido o poder de estabelecer diálogo (ou não) na vivência familiar quando bem entende (Chodorow, 1990).

A partir destes modelos de gênero, os valores socioculturais sobre o masculino e o feminino construídos a partir das diferenças entre os sexos, determina um sistema que rege a vida de homens e mulheres. Dentro destes modelos, a representação das mulheres e o tratamento que se refere a elas, provêm dentro da família às funções de afetividade e vínculos pessoais, enquanto a representação do homem provém majoritariamente a funções ligadas à produção e o sustento da família (Chodorow, 1990).

Tais responsabilidades sociais impostas sobre o homem como o pai provedor, também lhe trazem prejuízos no campo da subjetividade, pois, estas ações são praticadas dentro de rígido modelo sociocultural, que muitas vezes não reflete as vontades e desejos do homem em questão, mas sim o esforço de ser aceito e valorizado dentro de nossa sociedade. (Torrão Filho, 2005).

Dentro de uma análise da literatura de Vieira et al. (2014), se observa que um novo modelo de pai surge em função da redefinição da identidade masculina frente à emancipação feminina. A paternidade tradicional e a masculinidade hegemônica se formam como uma negação da feminilidade e das responsabilidades da mãe. Portanto, junto das mudanças da concepção do feminino na nossa sociedade moderna, o masculino e a paternidade também sofrem questionamentos e mudanças no caminho para uma maior igualdade entre os papéis e responsabilidades .

Método

Foi utilizado o método de observação sistemática direta e não-participante para a realização do trabalho. Procurou-se, por meio dela, analisar cenas da série Euphoria, em que a masculinidade hegemônica e a construção da subjetividade de um dos personagens ficaram mais evidentes. Devido à modalidade de Ensino Remoto, foi possível a realização de inúmeras reprises das cenas, o que não aconteceria em um ambiente convencional de observação direta. Em meio a isso, acredita-se que isso tenha sido benéfico para esse trabalho, visto que permitiu uma maior riqueza de detalhes nas descrições das cenas, o que contribui também para um enriquecimento da análise das observações.

Material utilizado

Os instrumentos utilizados foram computadores e televisões, sendo que cada pesquisador utilizou o seu eletrônico individualmente, de modo a ter acesso à plataforma HBO GO, onde é possível acessar a série Euphoria.

Participantes

Os participantes são protagonistas da série Euphoria, de modo que os escolhidos para objeto de observação são a personagem Nate e as personagens que estão presentes nas cenas em que o mesmo participa, de modo que foram selecionadas por evidenciarem aspectos da masculinidade hegemônica. Dentre estes demais papéis estão Cal (pai de Nate) e Maddy (namorada de Nate).

Procedimentos

Foram observadas quatorze cenas da série Euphoria após o processo de discussão dos pesquisadores, os mesmos buscaram selecionar apenas cenas em que a personagem Nate está presente, além da presença de práticas que perpetuam a masculinidade hegemônica e que serão objeto de pesquisa deste trabalho. Estas foram divididas entre os quatro pesquisadores de modo que dois integrantes observaram três cenas cada um e os outros dois, quatro cenas cada um.

Resultados e Discussão

Masculinidade e paternidade

Sabe-se que a presença da figura paterna é de indubitável importância na vida de qualquer indivíduo. Não obstante pelo suporte emocional, a paternidade atuante também está relacionada a impactos positivos no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos filhos, relacionados a melhores resultados na capacidade de resolução de problemas, melhor rendimento escolar e maior probabilidade de sucesso profissional, além de promover pontos indispensáveis para a formação de um adulto autônomo, como: segurança e vínculo afetivo, estimulação cognitiva precoce, estabilidade e segurança física e psicológica, suporte e promoção da resiliência (Beiras & Duarte, 2015).

Partindo-se destes fatores, ao contextualizar-se a paternidade na sociedade patriarcal hodierna, a figura paterna torna-se o signo central de poder dentre as famílias ocidentais: “o patriarcado é uma forma de organização social onde suas relações são regidas por dois princípios basilares: as mulheres são hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos, patriarcas da comunidade”

(Scott, 1995). Dessa forma, o sexo feminino no lócus familiar deste contexto, tanto a mãe quanto as filhas, possuem seu poder de influência subordinado ao homem, sendo este fator coexistente com a perpetuação da masculinidade hegemônica na sociedade, enquanto que para os meninos essa lógica de subordinação é temporária, de modo que intrínseco ao seu desenvolvimento também está incluído o modo de aprendizagem de tornar-se o homem ideal e, sendo assim, a figura paterna é uma importante influência na vida de adolescentes do gênero masculino. Este fato foi levantado na série *Euphoria* através de um compilado de cenas que focam tanto nas características de Nate evidenciadas através de seu comportamento, quanto na relação entre ele e seu pai. O adolescente mostra-se violento em mais de um episódio, porém Cal, seu pai, é o único que o critica e o mesmo não responde com este tipo de atitude na maior parte do decorrer da série, ao invés disso fica em silêncio e com a cabeça baixa, expondo sua subordinação a apenas este sujeito justamente pelo signo que representa.

Tangente aos levantamentos anteriores evidencia-se que os benefícios intrínsecos ao exercício da paternidade positiva supracitados encontram-se ameaçados pelo constructo do papel masculino intrínseco à macroestrutura atual, o qual é formado por características como força física, potência sexual, autocontrole emocional e, acentuadamente, o uso da violência para reafirmação do poder por parte dos indivíduos do gênero masculino (Badinter, 1992).

Na série, o pai de Nate assume o exercício de perpetuação deste papel, de modo que ao longo das cenas é possível constatar que o pai não busca ter muitos diálogos sobre questões emocionais com o filho, obriga o mesmo a praticar exercícios físicos envolvendo aparelhos pesados desde os seus onze anos, o pressiona constantemente para ser o melhor em suas ocupações, e um dos locais que mais frequentam juntos é o clube de tiro, sendo estas práticas não obstante contraproducentes no exercício da promoção do desenvolvimento psicossocial e emocional saudável do jovem, como também consideradas nefastas ao mesmo.

Ademais, cabe considerar parte da personalidade de Nate como resultado destes componentes, sendo este um adolescente bruto, agressivo, de baixa tolerância à frustração e que corrobora com a afirmação de Connell (2015) sobre o fato de meninos serem treinados a externalizar a dor, de modo que quando algo ruim acontece a eles, estes têm de canalizar isso em outro indivíduo.

Em segunda instância, o impacto do exercício da paternidade na adolescência mostrou-se como um fator significativamente relevante ao analisar-se a influência da masculinidade hegemônica na vida de Nate, esquadrihando-a no modo que esta o atravessa e se reflete em suas ações. As práticas educativas parentais estão ligadas a problemas de comportamento que, de modo geral, dividem-se entre comportamentos de externalização (agressão verbal e física, destruição de objetos e hiperatividade) e comportamento de internalização (depressão, ansiedade, queixas somáticas, etc), sendo estes comportamentos mais evidentes na fase da adolescência (Boing e Crepaldi, 2016).

Concomitante a isso, no episódio 8 da série há uma cena cujo contexto é que Nate havia acabado de ganhar uma partida de futebol americano e o adolescente está sentado na cama e o seu pai entra em seu quarto, de modo que sua primeira fala é: “você pode ter ganhado o jogo, mas perdeu o time. Se você não liderar, você vai perder”, mostrando o alto nível de exigência que impõe ao filho, além de ressaltar apenas as falhas do mesmo e não dar nenhuma gratificação à sua conquista. Logo em seguida, Nate levanta da cama e se aproxima do pai a ponto de seus rostos ficarem apenas alguns centímetros separados. Seu pai diz em tom de alerta para que o filho dê um passo para trás e, quase que simultaneamente, Nate faz um movimento brusco com a intenção de atingi-lo, mas é interrompido pelo genitor, que o joga contra a cama segurando os ombros do filho. Nate usa os dois braços, enquanto grita, na tentativa de livrar-se de seu pai. Em seguida, o adulto joga o adolescente no chão e fica em cima do mesmo, segurando os dois braços de Nate contra o chão, imobilizando-o e gritando:

“pare de lutar!”. Nate começa a chorar e, dando-se por vencido, começa a chocar a cabeça contra o chão com força cerca de 20 vezes seguidas enquanto urra, seu rosto fica vermelho. O pai sai de cima do filho, assustado com a cena, e deixa o quarto. O adolescente para de bater a cabeça, mas continua deitado no chão urrando, com os braços tencionados, por cerca de 2 minutos, demonstrando sentir muita raiva, e a cena encerra enquanto ele ainda chocava os braços no chão com força.

A repressão de sentimentos e emoções como consequência do ideal de masculinidade imposto aos homens pode vir desencadear comportamentos violentos nos mesmos, inclusive autodestrutivos, fator que está associado a sintomas de depressão nesses indivíduos e, em decorrência disso, há uma maior dificuldade do diagnóstico, o que significa um grave fator de risco para a saúde dessa população, seja por consumo compulsivo de álcool e outras drogas ou até maior propensão ao suicídio (Pollack, 1995).

Ademais, em decorrência das práticas parentais supracitadas faz-se relevante citar os tipos de comportamento parental de Baumrind (1991) praticados pelo pai de Nate na série e que estão associados às características da masculinidade hegemônica, sendo estes de estilo autoritário (alta exigência e pouco afeto com o filho) e de estilo rejeitador-negligente (baixo nível de responsividade, mostram-se indiferentes e não se envolvem com os comportamentos do filho). Nota-se que os dois estilos chegam a possuir características contrárias ao mesmo tempo que é possível notá-los em diferentes momentos da série sendo praticados por Cal, evidenciando um descompasso no exercício paterno por parte do mesmo.

Estes fatores são observados nos episódios 5 e 7 da série, quando Cal foi chamado na escola de Nate com a notícia de que seu filho estava sendo acusado de ter enforcado sua namorada, Maggy, e que a família da garota vai prestar queixa. Logo quando chega, o pai tenta ir direto falar com o policial para que este o permita falar com a família de Maggy, que o responde dizendo que seria melhor ele falar com o próprio filho primeiro. Antes de se

dirigir ao adolescente, Cal mostra-se apreensivo, provavelmente por conhecer o filho e não duvidar que ele seria capaz de tal feito. Ele pergunta para Nate mais de uma vez se é verdadeira a acusação ao passo que o adolescente nega, com a cabeça baixa. O pai diz para ele que o que eles vão passar não será fácil, mas que o filho deve fazer tudo o que ele disser, mostrando proteção.

No episódio 7, após Nate tomar algumas providências para escapar da acusação e ter êxito, mesmo sendo culpado, o próprio pai afirma não saber como ele saiu dessa situação e que sabia que ele não merecia, acrescentando ainda que o admirava por isso mas esperava que o filho não tivesse aprendido a lição errada. Dessa forma, é possível observar traços do estilo parental rejeitador-negligente, visto que o pai mostrou ter consciência da atitude criminosa do filho e optou por não se envolver com a situação, agindo de modo irresponsável inclusive perante à lei, visto que Nate é menor de idade. Não obstante, é possível notar negligência por parte de Cal ao afirmar “espero que não tenha aprendido a lição errada” e “admiro o que você fez para escapar dessa situação”, ausentando-se do papel de educador e de autoridade para com o filho.

Masculinidade e sexismo

Falar em gênero é falar sobre discursos sociais que diferenciam os sexos, ou seja, há uma construção social das diferenças sexuais que faz com que haja uma dicotomia entre o papel social do homem e da mulher, de modo que o homem sempre ocupa o papel ativo, de dominância, ligado à força, e a mulher um papel passivo, de submissão, atribuída ao lugar de fragilidade (Alves, 2004). Nesse sentido, observa-se, por exemplo, que “Para louvar um homem basta dizer que ele é “um homem” (Bourdieu, 1999), sendo que para elogiar a mulher torna-se necessário o uso de adjetivos. Observa-se, dessa forma, o lugar de generalidade e positividade que ocupa o homem na própria linguagem e na cultura, portanto. Em meio a

isso, a masculinidade hegemônica, a qual legitima o patriarcado e a subordinação da mulher (Connell, 1997), se define não só pela oposição e negação ao feminino, mas também pela sua própria depreciação (Baére & Zanello, 2020), o que fomenta comportamentos sexistas e misóginos por parte dos homens. Tal realidade fica evidente na série *Euphoria* no episódio 4 no minuto 14:50 quando Nate encontra Maddy no carnaval e o primeiro comentário que ele faz é perguntar a ela o porquê ela está vestida como uma prostituta e tenta explicar como isso não causaria uma boa impressão nos pais dele. Maddy argumenta, contudo, que se trata de um carnaval, onde não teria problema ela se vestir de acordo com a festa, o que Nate discorda, já que aquilo, para ele, se tratava mais de uma competição de chilli tradicionalmente ganhada pela sua família. Maddy, então, tenta se defender com a fala de que “talvez ajude a vender”. Nate se irrita, na sequência, e comenta que os pais dele já não gostam da Maddy e que é melhor ela voltar para casa, trocar de roupa e voltar “como uma pessoa decente”. Pode-se perceber nessa cena, desse modo, que Nate desrespeita Maddy enquanto mulher e indivíduo e deslegitima sua liberdade de se vestir como deseja, chamando-a de “prostituta” e dizendo que ela deveria trocar de roupa e “voltar como uma pessoa decente”.

Ademais, outra cena que expõe claramente o comportamento não só sexista, mas também misógino por parte de Nate é no episódio 4 no minuto 30:25, em que Maddy derruba propositalmente o chilli feito pela família de Nate no chão e depois ela chama a mãe dele de puta. Então, Nate puxa Maddy pelo braço por alguns metros enquanto grita com ela. Ele mostra ficar cada vez mais enfurecido. Quando eles chegam em um ambiente que está vazio, Nate coloca a mão no pescoço de Maddy e a empurra contra um contêiner. Ele aperta o pescoço dela por cerca de 8 segundos e depois a larga, se afastando. Nesse contexto, nota-se a associação da agressividade ao comportamento típico dos homens, de modo que a violência contra a mulher é algo bastante presente na cultura norte-americana (como presente na série),

e também na cultura brasileira, em que uma mulher é assassinada, pelo simples fato de ser mulher (feminicídio), a cada sete horas (Velasco, Caesar & Reis, 2020, 44).

Outra situação em que fica evidente o sexismo presente no comportamento de Nate ocorre no episódio 8 no minuto 17:50, em que o casal Nate e Maddy estão na cama, no intuito de realização da penetração, mas o rapaz é incapaz de ficar ereto. Maddy pergunta se ele está “duro”, ao que ele responde afirmativamente, para a garota então dizer que ele não parece estar, argumentando ainda que “não é algo que você possa mentir sobre”. Nate então se explica dizendo que está “com muita coisa na cabeça no momento”, e manda Maddy parar de falar quando ela continua questionando-o. Irritado, ele se afasta da cama e Maddy diz que não está mais excitada. Enquanto começa a se vestir, Nate fala “sabe qual é o seu problema? É que você não consegue manter a porra da boca fechada”, ao que ela retruca “e você não consegue manter seu pau duro”. Ele então explica que o motivo de ele não conseguir ter uma ereção é que todos na escola estão espalhando rumores sobre ele, o que desencadeia a resposta de Maddy: “não são rumores, são fatos. Você literalmente tem 40 fotos de paus de outros caras no seu celular”. Nate então a acusa de ter espalhado essa informação fora de contexto, e quando Maddy pergunta qual era o contexto ele diz que “até contaria, só que eu não confio mais em você”. Ela então o provoca dizendo “que nem você até me comeria, só que não consegue mais ficar duro”. Essa parece ser a gota d’água para o jovem, que avança sobre a namorada, apertando as bochechas dela com força com a mão, posicionando o rosto bem perto do dela de forma ameaçadora e desafiando-a a continuar a falar, para depois soltar o rosto da garota com violência, que fica encolhida de medo, chorando. Maddy diz então: “eu não me importo que você goste de garotos”, levando-o a negar a afirmação. Ela então diz que a sexualidade é um espectro e ninguém é 100% gay ou hétero, ao que ele responde: “isso é 100% besteira”, desacreditando-a, para então deixar o aposento. Fica evidente, na cena, que o

papel do homem como o ser que penetra, domina foi questionado pela mulher, Maddy, a qual é ridicularizada e violentada, o que caracteriza comportamentos sexistas.

Em meio a isso, percebe-se que a série *Euphoria* explora bastante os valores da masculinidade hegemônica, por meio do personagem Nate, os quais, nesse caso, se mostraram sexistas e misóginos, de modo que ele desrespeita as mulheres e claramente as coloca em um patamar de inferioridade e de submissão, o que fica evidente nas manifestações de agressividade e no ato de querer invadir a liberdade da mulher ao mandar ela trocar de roupa, por exemplo, e colocar algo que a deixe “decente”.

Masculinidade e heteronormatividade

O modelo hegemônico de masculinidade notoriamente está atrelado com a separação de papéis de gênero, fato que por si só já expõe o caráter mitológico intrínseco nessa ideologia, uma vez que associa uma característica biológica a um comportamento social culturalizado (Harari, 2015). Porém, o referido sistema ideológico vai além, e se propõe a definir formas delimitadas de comportamento atreladas à orientação sexual de cada indivíduo, dando a entender que a identificação do mesmo com a heterossexualidade, por exemplo, é passível de questionamento a partir do momento que seu modo de agir deixa de corresponder à essa predefinição (Pinho & Pulcino, 2016). Assim, apesar de ser atravessada pela delimitação de papéis de gênero, a heteronormatividade se diferencia da mesma por não abordar o sexo do indivíduo, e sim sua sexualidade.

A heteronormatividade gera uma expectativa da conduta do homem tanto no âmbito de suas relações sexuais quanto no de suas relações sociais com outros homens, expectativa essa que cobra uma reafirmação constante da própria virilidade do sujeito. Na série *Euphoria* observam-se esses gestos de autoafirmação individual e grupal da personagem Nate em diferentes momentos. A nível grupal, pode-se mencionar o minuto 8:50 do episódio 2, onde

Nate e um grupo de outros adolescentes do gênero masculino estão se alcoolizando e dançando. Na cena, é evidenciado como os colegas do rapaz o idealizam, como modelo de homem, quando o mesmo bebe uma quantidade razoável do gargalo de uma garrafa para em seguida levantar os braços e berrar, sendo imitado pelos demais.

Já a nível pessoal é digno de observação o minuto 5:23 do mesmo episódio, pois, ao mostrar Nate no vestiário com os companheiros de time nus ao seu redor, é evidente o desconforto da personagem, que se mantém vestido e com o olhar vazio fixamente voltado para a frente, evitando ao máximo olhar para a genitália dos garotos. Esse desconforto traduz a insegurança do homem cis hétero médio para com sua sexualidade, explicando assim o apelido de “masculinidade frágil” para se tratar do modelo hegemônico de masculinidade. Há ainda uma cena que aborda tanto a importância da autoafirmação da heterossexualidade para com terceiros quanto para consigo mesmo, a já mencionada situação situada no minuto 17:50 do episódio 8 (ver tópico 5.2 Masculinidade e sexismo). Na cena, é possível observar que o nervosismo de Nate ao não conseguir de ter uma ereção não é fruto apenas do julgamento de sua parceira, mas de sua auto cobrança de virilidade, característica essa que associa ao homem hétero o papel de ativo no ato sexual, responsável pela penetração. Além disso, esse momento da série também traz um diálogo no qual o rapaz se recusa a enxergar a sexualidade como um espectro, o que traduz a difundida crença da sociedade patriarcal em uma heterossexualidade pura e imaculada.

Considerações Finais

Tendo em vista que, se a infância é o período associado à formação da subjetividade do indivíduo, a adolescência por sua vez é o momento responsável por grande parte da formação da identidade do sujeito. Como elementos tais como caráter, valores, trejeitos,

hábitos e preferências têm sua gênese na cultura - que por sua vez se dá na interação social - é compreensível a origem da necessidade de uma referência paterna por parte de garotos, ao longo do processo de reafirmação de sua masculinidade, para aprender quais as demandas da sociedade em relação a seu comportamento. Infelizmente, como exemplificam as análises das cenas protagonizadas pela personagem Nate, grande parte da população jovem masculina está sujeita a uma influência paterna que reforça práticas opressoras, como a repressão dos sentimentos e LGBTfobia/sexismo, isso sem contar os inúmeros casos em que a figura do pai está inteiramente ausente.

Dessa forma, evidencia-se a grande relevância de realização de estudos sobre separação de papéis de gênero, ideologia esta nociva tanto para as vítimas da relação opressiva quanto para os perpetradores da opressão (homens cis héteros). Afinal de contas, como Harari discorre em sua obra, ser um indivíduo do sexo masculino é algo simples: basta ter um cromossomo X e um Y; entretanto, ser um indivíduo do gênero masculino, numa sociedade patriarcal sob a égide de uma masculinidade heteronormativa, implica uma vida marcada pela contínua necessidade de reafirmação de virilidade e negação da feminilidade. Inclusive, apesar do presente trabalho não ter abordado detalhadamente essa problemática específica relativa à masculinidade hegemônica, é muito válido o questionamento sobre o grau de influência da última sobre o elevado índice de suicídios entre homens.

Ademais, faz-se necessário informar sobre as dificuldades encontradas pelos autores de encontrar artigos e outros dados acerca da categoria de análise paternidade e masculinidade hegemônica, de modo que o presente trabalho buscou evidenciar a importância deste tema para o desenvolvimento saudável de adolescentes do gênero masculino, além de impactar também indireta e profundamente a vida de jovens do gênero feminino devido às assimetrias que a masculinidade tóxica reproduz a nível pessoal, institucional e estrutural.

Conforme observado na série, a pressão exercida pela sociedade sobre o homem reflete não apenas numa violência física e psicológica para com ele mesmo (relação disfuncional de Nate com seu pai e insegurança para com sua sexualidade, por exemplo), mas para com a população LGBTQIA+ ou do gênero feminino (episódios de agressão perpetuados por Nate contra Maddy e Jules). Como, em casa, a realidade que lhe é apresentada é a de um pai emocionalmente distante e uma mãe submissa, e no ambiente escolar ele se vê idealizado como modelo de homem másculo, não é de se admirar que a personagem do rapaz seja dotada de uma profunda repressão de sua sexualidade, um pensamento misógino e violento e uma grande pressão endógena e exógena para exercer seu papel social idealizado.

Referências

- Alves, J. E. D. (2004). *A linguagem e as representações da masculinidade*. Rio de Janeiro: CDDI/IBGE
- Badinter, E. (1992). *XY: De l'identité masculine*. Odile Jacob.
- Baére, F., & Zanello V. (2020). Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. *Psicologia em estudo*, 25, 1-15. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722020000100208
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The journal of early adolescence*, 11(1), 56-95.
- Beiras, A. & Duarte, C. S. (2015) Contribuições da participação da figura masculina e da coparentalidade para o desenvolvimento integral da criança na primeira infância. In G. A.

- Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: Compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, (59), 17-33.
- Brannon, R., & David, D. (1976). The male sex role: Our culture's blueprint of manhood, and what it's done for us lately. *The forty-nine percent majority: The male sex role*, 1-48.
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Chodorow, N. (1990). Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher. *Rio de Janeiro: Rosa dos tempos*, 206.
- Connell, R. W. (1997). La organización social de la masculinidad.
- Diniz, F. R., & Oliveira, A. A. (2014). Foucault: do poder disciplinar ao biopoder. *Scientia*, 2, (3), 143-157. Disponível em:
http://www.faculdade.flucianofejao.com.br/site_novo/scientia/servico/pdfs/VOL2_N3/FRANCISCOROMULOALVESDINIZ.pdf
- Drake, A., Yardeni, T., & Leshem, R. (Produtores executivos).(2019). *Euphoria* [TV série]. HBO
- Erikson, E. H. (1968). Identity: Youth and crisis (No. 7). WW Norton & company.
- Harari, Y. N. (2015). *Sapiens: uma breve história da humanidade*. L&PM.
- Ministério da Saúde. (2017). Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde. *Boletim epidemiológico*, 48 (30), 1-14. Recuperado de:
<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/acolha-a-vida/bibliografia/2017025Perfilepidemiologicodastentativaseobitospor-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-ateno-a-saude.pdf>
- Nolasco, S. (1993). O masculino: um dilema contemporâneo. *NOLASCO, Sócrates. O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 17-40.

- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. Artmed editora.
- Peres, R.S., Santos, M.A., & Coelho, H.M.B. (2004). Perfil da clientela de um programa de pronto-atendimento psicológico a estudantes universitários. *Psicologia em estudo* [online],9(1), 47-54.
- Pinho, R., & Pulcino, R. (2016). Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTTT. *Educação e Pesquisa*, 42(3), 665-681.
- Pollack, W. S. (1995). *No man is an island: Toward a new psychoanalytic psychology of men*. Basic Books.
- Rondinelli, P. (2013). *A construção da masculinidade a partir de tabus corporais: considerações no campo da saúde* (Tese de Doutorado, Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo)
doi:10.11606/T.84.2013.tde-31032014-121900.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, 20(2).
- The mask you live in. Direção: Jennifer Siebel Newsom. Estados Unidos: The Representation Project; The Annenberg Foundation; The Brin Wojcicki Foundation; Novo Foundation; Pacific Gas and Electric; Peery Foundation, 2015. (97 min) color.
- Torrão Filho, A. (2005). Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *cadernos pagu*, (24), 127-152.
- Velascos, C., Caesar, G. & Reis, T. (2020, março 5). Mesmo com queda recorde de número de mulheres, Brasil tem alta no número de feminicídios em 2019. *Portal de notícias do G1. Monitor de violência*

Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C.

A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos*

Brasileiros de Psicologia, 66(2), 36-52.